

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
FACULDADE DE PSICOLOGIA

WILLIAM LINDOMAR BARBOSA DOS SANTOS

O HIP HOP ENQUANTO TENSIONADOR POLÍTICO

PORTO ALEGRE
2021

WILLIAM LINDOMAR BARBOSA DOS SANTOS

O Hip Hop Enquanto Tensionador Político

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em Psicologia.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Oriana Holsbach Hadler

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

Poderia tranquilamente usar essas trinta e poucas páginas para agradecer as pessoas que estiveram comigo nessa jornada e ao longo de toda minha vida. Em diversos momentos convivi com pessoas incríveis que deixaram suas marcas em meio a essa jornada fazendo com que isso viesse a ser possível, sem vocês nada disso seria possível. Tenho vocês sempre comigo guardados em um lugar especial no meu coração.

Em primeiro lugar, não poderia deixar de agradecer a ti, Rosane, minha querida mãe que sempre moveu mundos e fundos pra que tudo desse certo pra nós dentro e fora de casa. Mulher guerreira, sinônimo de força, meu espelho pra tudo e claro, minha maior fonte de orgulho e inspiração. Se eu tenho algum motivo e estou escrevendo este trabalho de conclusão de curso é mérito teu, que, em meio a tantas tempestades, perdas e dificuldades nunca deixou de lutar pela minha educação, fez o que foi preciso e me ensinou a não desistir dos nossos sonhos, tu é o meu orgulho e a ti vou dedicar eternamente o título de psicólogo, obrigado, eu te amo, essa conquista é nossa.

Não posso deixar de citar minha vó Araci, outro exemplo do que é ser guerreira que tenho dentro de casa, tu também é responsável por esse momento. Te agradeço por sempre estar presente quando minha mãe não podia. Tua presença é essencial!

Sou Grato pelo teu companheirismo, tua amizade e a tua paciência em meio a essa fase final, nem sempre pude estar presente e te agradeço por compreender minha ausência e esse meu modo estranho de funcionamento. Obrigado por me apoiar em tantas ideias furadas, em tantos sonhos distantes. Tua tranquilidade, mesmo que eu não diga, acalma e me ajuda a ter certeza de que tudo vai ficar bem, mesmo em meio a tanta coisa que parece nunca ter fim. Obrigado, Mariana, sem teu abraço apertado seria muito mais difícil, te amo.

Quero agradecer a vocês, parte do meu dia a dia e das madrugadas de trabalho nesses últimos anos de noite sem dormir, vocês também tem culpa nesse rolê, obrigado por aguentarem tanto tempo de piada ruim e sem graça, vocês são brabo. Giulia, Isadora, Julia, Lorena, Bruno, Jango, Leandro, Rafael, Samuel, Uerê. Agradeço também aos amigos que mesmo de longe sempre estiveram presentes e sei o quanto vocês torceram por nós.

Aos locais de estágio pelos quais passei e aos profissionais com que trabalhei nos mais diversos espaços, vocês são elementos essenciais na formação e na qualificação dos demais colegas. Agradeço ao Pet Psicologia e aos colegas que por ali passaram, a todos os professores e colegas, aos funcionários do Instituto de psicologia e demais servidores

terceirizados da UFRGS, a comgrad psicologia por sempre estar disponível facilitando a nossa vida.

Agradeço às colegas da Secretaria de Saúde do Trabalhador por me ensinarem tanto, encerrar essa graduação podendo trabalhar com vocês me dá ainda mais ânimo e certeza do caminho que escolhi. Obrigado, Carmen, Dulce, Fabi e Lisi pela paciência e força que vocês me deram nessa reta final, vocês são incríveis. Não posso deixar de agradecer ao Sindicato dos Trabalhadores Federais da Saúde, Trabalho e Previdência no RS por terem me possibilitado viver essa faísca de esperança junto com vocês, poder lutar pelo que acredito me mantém firme frente ao cenário político delicado em que vivemos.

A minha querida orientadora, Oriana, por embarcar nessa aventura e topor tudo, te agradeço imensamente pela compreensão e por acreditar que seria possível. Esse trabalho só poderia ser feito junto contigo, aquela conversa de elevador sobre TCC no primeiro semestre surtiu efeito, muito Obrigado.

Maíne, tu não faz ideia de quanto fico feliz em poder contar contigo, tua energia e tua potência contagiam, te agradeço por aceitar fazer parte dessa apresentação e por ser uma referência pra mim, muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir como o RAP e o Hip Hop se tornam ferramentas de tensionamento político. Afinal, ao compreendermos que o modo como habitamos mundo e a forma como subjetividades são produzidas estão intrinsecamente ligadas a maneiras de expressão artística, cultural, política, o Rap e o Hip Hop se tornam uma força que diz de como nos tornamos quem somos hoje e como questionamos quem nos tornamos. Assim, este trabalho trará materialidades produzidas pelas vidas que ocupam a cultura Hip Hop, refletindo a partir dos processos de identificação e pertencimento a estes grupos, produções musicais e visuais. Desta forma, este trabalho se constrói através dos diálogos entre músicos, compositores, pensadores do hip hop, amigos, imagens, entrevistas, conversas ficcionais, narrativas, entre outras sem deixar de lado as narrativas que expressam o que se é cantado nas letras além das histórias e pontos de vista do que os próprios artistas nos falam.

Palavras-chave: Hip Hop, Rap, Pertencimento, Identificação

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	2
RESUMO.....	4
SUMÁRIO.....	5
TRAJETO ACÚSTICO.....	6
NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO.....	8
INTRODUÇÃO.....	10
ELE SEMPRE ACREDITOU EM MIM.....	15
PROCESSO DE LOCALIZAÇÃO/IDENTIFICAÇÃO - A IMAGEM	16
CEP SELVAGEM, ESQUINA DA NAZA.....	21
PROCESSO DE PERTENCIMENTO - A BATIDA.....	22
ELE NÃO ME VIU COM O UNIFORME?.....	26
PORQUE SE FAZ O RAP - A VOZ.....	27
PRA QUEM SE FAZ O RAP - CORPOS MOVIMENTO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

TRAJETO ACÚSTICO¹

Essa escrita só foi possível através da música, sem ela este trabalho não ocorreria. Nada mais justo que compartilhar com os leitores o *trajeto* que me colocou e me mantém aqui até hoje.

A lista não segue ordem,

1. Nego Drama, Racionais Mc's
2. Tô Ouvindo Alguém me chamar, Racionais Mc's
3. Minha Cultura, Da Guedes
4. A Família, Castelo de Madeira
5. Mente Engatilhada, KL Jay, Dina Di & Lakers
6. Menina Leblon, Sabotage
7. Capítulo 4, Versículo 3
8. Indomável, Dory de Oliveira
9. Nada pode me Parar, Thaide & Dj Hum
10. Pânico na Zona Sul, Racionais Mc's
11. Canção foi tão Bom, Sabotage
12. Jesus Chorou, Racionais Mc's
13. Minha Família, DBS Gordão Chefe RZO Dina Dee Negra li - Família RZO Rap Nacional
14. Ambição, Cristal
15. Brinquedo Assassino, Facção Central
16. Favela Sinistra, Trilha Sonora do Gueto
17. Da Ponte pra Cá, Racionais Mc's
18. País de Fome, Sabotage
19. Liberdade, Drik Barbosa
20. Um Bom Lugar, Sabotage
21. Mitambi, Dory de Oliveira
22. Soldado do Morro, MV Bill
23. Diário de um detento, Racionais Mc's
24. Lembranças, Consciência Humana

¹ <https://open.spotify.com/playlist/7I18bhuzWHPuNXD2YGZ4uc?si=kg9UNbtPSveIJKZivmeRO>

25. Status, Cristal
26. Voz Ativa Racionais Mc's
27. Respeito é pra Quem Tem, Sabotage
28. Us Mano e as Mina, Xis
29. Favela vive 1, 2, 3 e 4
30. Primavera Fascista
31. Negro é Foda, Froid
32. Pa'drão, Winnit
33. AmarElo, Emicida
34. Fim de Semana no Parque, Racionais Mc's
35. Inabalável, L7nnon
36. Junho de 94, Djonga
37. Triunfo, Emicida
38. É o teste, Criolo
39. Flow Lazaro Ramos, Froid
40. No Sapatinho, Criolo Mc
41. Felling Good na Voz de Nina, Winnit
42. Incógnita proposital, TheGust Mc's
43. Ainda Há Tempo, Criolo
44. Hat trick, Djonga
45. Menina Pretinha, Mc Soffia
46. Fran's Café, Froid
47. Tipo, Djonga
48. Gueto City, Negra Jaque
49. Só a Gente Sabe, Priscilla Feniks
50. Ladrão, Djonga
51. Olho de tigre, Djonga
52. Falsa Abolição, Tarja preta
53. Pseudosocial, Froid
54. Periferia é um pedaço da África, Amanda NegraSim
55. Deus e Família, Delano, Djonga e Mc Hariel
56. Tombei, Karol Conka
57. Kyoto, Froid
58. Sucrilhos, Criolo

59. Audácia, Preta Rara

60. Difusão Mental, TheGust Mc's & Froid

61. Tiffany, Md Chefe

NADA COMO UM DIA APÓS O OUTRO

Descemos a lomba de casa, como mais uma saída básica ao mercado buscando o leite, o arroz, o molho de tomate que faltava pra poder completar o almoço do dia. Era assim, comprávamos o que dava, não existia o sair para fazer rancho e deixar tudo em casa esperando o momento de misturar os sabores, sentar na mesa e dividir a refeição. Mas era um dia diferente, perto do meu aniversário e minha vó me perguntava o que eu queria de presente enquanto segurava o meu pulso sem deixar que eu escapasse, ela sempre fazia isso, eu nunca gostei, mas sempre soube que era forma que ela utilizava para não deixar que nada acontecesse comigo. O meu bairro, desde quando eu era pequeno, sempre fez com que eu me sentisse parte dele, adorava caminhar nele pois conhecia todas as ruas e sabia onde elas me levariam, tanto pela esquerda, quanto pela direita. Mas dobrando a esquerda no pé da lomba era para onde íamos fazer as compras no mercadinho da beira da faixa, não era longe nem perto, era a medida ideal para não irmos nem tão devagar e nem tão depressa a ponto de não brincar com os cachorros da rua que ficavam em frente ao restaurante verdinho esperando uma oportunidade de ganhar nem que fosse um ossinho do pessoal que trabalhava ali. Enquanto caminhávamos eu era alegre por me sentir livre, tinha a calçada toda pra imaginar que eu era um jogador de futebol famoso e como todo menino, sonhava em um dia disputar uma copa do mundo representando a seleção brasileira. Uma quadra antes do nosso destino, o mercadinho na beirada da faixa, a gente passava em frente a vitrine de vidro do bazar da dona leila, eu adorava olhar o que lá eles colocavam, achava muito engraçado reparar nos manequins em meio aos potes e carrinhos que ali ficavam. Dentro do bazar tinha de tudo, era material escolar, louças, uniforme escolar, carrinhos, doces, de tudo mesmo, eu cresci sabendo que quando eu quisesse presentear alguém era ali que deveria passar. Nesse dia, minha vó, segurando firme meu pulso entrou dentro da lojinha, eu achei que eu ganharia um salgadinho só no mercadinho, mas entramos no bazar e ela perguntou o que eu queria, eu sinceramente não sabia, escolher algo em vez de outro sempre foi muito difícil. Olhei os carrinhos, alguns soldadinhos, as cartinhas de Yu Gi Oh, que faziam o maior sucesso entre as crianças naquela época, mas eram muito caras, vi bola de futebol, ou seja, vi de tudo um pouco. Até que vi alguns discos e comecei ver a capa de um por um. Até então, eu havia tido algumas músicas chicletes que eu gostava e cantava quando pequeno, era a tal de “alô galera de cowboy” “Anna Júlia”, “Minha Brasília amarela”, mas não tinha nenhum interesse por algum gênero específico, eu era uma criança, dançava por dançar independente da música. Seria muito engraçado uma criança optar por um disco musical

sem nem saber o que era, saber o que a música quer dizer, e foi isso que senti alguns dias antes desse passeio ao mercado com minha avó, pois apareceu um disco que escutei, gostei e mostrei pro meu pai que já nem morava mais comigo, não lembro se em algum outro momento já havia escutado ele falar sobre, mas ele gostava e pediu para ficar com esse disco para escutar enquanto dirigia, eu aceitei e fiquei sem o disco. Por coincidência do destino, enquanto vasculhava as capas dos discos sem intenção alguma, me deparei com a mesma capa, do mesmo CD que apareceu na minha casa e meu pai ficou, o que se passou na minha cabeça eu não sei, mas sem titubear peguei o CD dos Racionais Mc's com meus 6/7 anos de idade. A capa do álbum era a mesma, mas depois de algum tempo me dei conta que o disco original era dividido entre dois cds, e que o meu presente era a mescla dos dois discos em um só. Nada como um dia após o outro começou a fazer parte do meu cotidiano, alguma coisa me chamava atenção, me despertava sentimentos que eu mesmo não entendia, eu cantava as músicas que a pouco tinha decorado com tanto vigor, era o dia todo.

A iniciativa de pensar o tema deste trabalho de conclusão de curso parte da minha infância e acredito que muitas histórias possuem diversas semelhanças com o processo de identificação que tive nos meus primeiros contatos com o gênero. Em entrevista², o rapper Djonga conta sobre sua relação com o Mano Brown, uma das maiores referências do Hip Hop brasileiro, ele comenta sobre ter escutado o artista narrar a sua própria história na história do mesmo, de forma diferente, era a repetição de uma narrativa que é comum entre muitos brasileiros. Tentar entender o que ocorreu comigo, o porque daquele álbum me marcar tanto e como que, a partir dele, fui tendo novos contatos com outros artistas do gênero e desenvolvendo um pensamento crítico sobre diversos temas enunciados nas letras, como a injustiça, o racismo, a violência policial, os caminhos que são inviabilizados aos jovens de periferia e entre outros gritos que ecoam nas letras e vozes de artistas do RAP nacional.

² Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IN-SJ1zwrMg>

INTRODUÇÃO

Quando falamos da cultura Hip Hop, sabemos que as produções artísticas deste meio atingem um público específico que se encontra e se identifica nas composições artísticas. Muitas destas obras retratam e descrevem a realidade de quem nasce e mora em zonas periféricas nos grandes centros do país em meio a tensões como o descaso público, a falta de políticas públicas aos moradores e a exposição à violência policial que tem se tornado recorrente nas diversas comunidades brasileiras, e outras tantas injustiças associadas à desigualdade social, racismo estrutural e recortes de classe que enraízam a história do Brasil.

As criações musicais do gênero apresentam um histórico de críticas aos governos, reivindicações, mostram as dificuldades vivenciadas e em grande parte denunciam o preconceito direcionado aos habitantes das comunidades que são, em maioria, negros. Com letras fortes e necessárias, o Rap dentro e fora do Brasil, sempre buscou proporcionar uma reflexão e conscientizar acerca das desigualdades político-sociais que atingem as populações em situação de vulnerabilidade social, além de promover a cultura de rua produzida nas periferias.

O Hip Hop, composto por quatro elementos – o break dance, o grafite, o mc e o dj – teve sua origem nas periferias americanas no final dos anos 60 frente a diversas questões sociais que assolavam jovens e adultos como a violência, pobreza, tráfico de drogas, ausência de espaço de lazer para os mesmos. Assim como no Brasil, a produção musical disponibilizou um espaço onde foi possível ter voz e uma maior visibilidade, além disso a cultura hip hop foi um meio de organização social frente às lutas comunitárias. O Hip Hop teve um forte impulso através da dança, uma vez que o breakdance assumiu um lugar de protagonismo em meio aos encontros, fazendo com que a prática e a técnica fossem ainda mais aprimoradas e propagadas no meio (Aurélio, 2000, p.50). É necessário pontuar a diferença existente entre os termos “Hip Hop” e “Rap” para quando mencionarmos não causar nenhum tipo de estranhamento ou perda de sentido. Enquanto o Hip Hop constitui uma cultura com diversos elementos, o Rap é o estilo musical do Hip Hop, assim como expresso pelo cantor Emicida em entrevista ao Canal PodPah³:

O Rap é a música da cultura Hip Hop, ponto final. O Hip Hop não é uma música, o Hip Hop é um estilo de vida, sacou? E mano, O Hip

³ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O9qxREvAKz8&t=5849s>

Hop só produz vitória coletiva, se não for coletiva não é do Hip Hop, sacou?

Além de atrair jovens para que não se envolvessem em disputas de gangues, crimes e conter a violência, a arte do hip hop, sua música e dança, sempre tiveram o foco em promover a cultura, e para isso, se faz necessário o entendimento e a inserção dentro dessas realidades que são atravessadas pela cultura hip hop. Dessa forma, compreendendo a realidade e as dificuldades nas periferias, os artistas reconhecem e sabem da relevância e do papel social que suas letras e poesias alcançam.

O início da cultura Hip Hop no Brasil se deu, em primeiro momento, através do Breakdance, como muitos citam, a partir do marco zero na galeria 24 de maio cuja construção formada de pedras lisas e largas auxiliavam nos movimentos de dança, bem como nos *slides* ou nos giros que constituem o *moinho de vento* e posteriormente na estação São Bento.

O ritmo no Brasil, desde seus primórdios, sempre teve a Cultura Afro como norteadora, os ritmos e passos, presente na capoeira, além do frevo e embalos nordestinos e, principalmente, junto com os ritmos afro-brasileiros. Com o auxílio das caixas de som ainda dependentes das pilhas, as multidões se formavam em volta dos artistas, entretanto, nem sempre eles eram visto com bons olhos, assim como cita Nelson Triunfo, um dos precursores na história do Break no Brasil, e afirma para os policiais que eles eram artistas de rua e não “vagabundos”, pois, muitos relatavam sobre a violências e batidas policiais nos dançarinos e frequentadores do movimento (Gomes, 2014).

A partir disso, com a vinda de músicas internacionais do gênero, o Rap, começou a se espalhar em meio às comunidades e despertar interesse de artistas que viriam a se descobrir com o movimento e com as produções artísticas. No final dos anos 1980 já possuíamos diversos trabalhos no gênero musical, entre eles, o álbum *Consciência Black* do grupo Racionais Mc's, o qual foi um grande marco na história do hip hop e do Rap no Brasil. Assim como os Racionais Mc's, diversos compositores retratam as dificuldades e preconceitos sofridos cotidianamente por moradores de periferias. A luta do Rap se faz através de denúncia, reivindicações, descontentamentos e contradições que são expostas em meio às letras e esse é um dos principais motivos que fez o estilo se consolidar enquanto um grito de luta contra as desigualdades que persistem até os dias de hoje. Além disso, as mesmas pautas do fim dos anos 1980 seguem sendo uma questão e as músicas do passado, além de importantes para a consolidação do gênero, possuem papel central nas composições atuais, haja visto que, para muitos, a inspiração e o desejo de fazer parte da cena do Rap se baseia no

que foi possível fazer no passado, pois esses mesmos movimentos ainda refletem nos dias atuais.

Conhecidas como Rap de mensagem, diversas músicas buscam denunciar as violências sofridas pela população negra e periférica no Brasil além de alertar os jovens e outros ouvintes do gênero sobre a estrutura social construída sob o racismo que não possibilita os mesmos acessos à educação, saúde e segurança a todos, espelhando um sistema de cunho totalmente discriminatório. Além disso, o Rap vive o embate com esse mesmo sistema, dentre o qual traz uma crítica sobre a forma militarizada e opressora na qual a polícia brasileira se forja.

A polícia brasileira é a que mais mata no mundo, e principalmente, quem é o alvo possui a pele preta. Não é muito difícil localizar o genocídio da população jovem negra no Brasil, a cada dia surgem novas notícias envolvendo o nome de crianças e adolescentes negros que foram atingidas por “balas perdidas”, balas essas, que sempre encontram seus alvos. O Rap através dos Mc’s e seus grupos, denuncia, alerta e mostra a revolta por mortes, violência e em cada som produzido tem um novo nome de personagem inocente que teve a sua história interrompida.

"Há muitos tipos de rap, mas o rap de verdade tem um lado mais político." (Fávero, 1999). Muito se falou da bossa nova enquanto um espaço político onde a crítica e a revolta com a situação do país eram os pontos de partida para a elaboração de novas músicas e manifestações. As letras por muitos foram consideradas como o ponto alto da música brasileira no que tange a criatividade e o pensamento crítico, entretanto, o Rap, desde sua criação, também demonstra e busca refletir o que ocorre com uma grande parte da sociedade que costumeiramente é marginalizada e esquecida. Contudo, o Rap nunca teve seu reconhecimento da forma que deveria, uma vez que para muitos, é onde ocorre o primeiro encontro, o descontentamento, a revolta que faz refletir e pela primeira vez questionar porque tal situação ocorre de uma forma para um grupo, e de outra forma para outros, ou seja, porque o tratamento com eles é assim e com a minha rapazeada é totalmente diferente.

Djonga, Emicida, BK, DK47, César MC, Coruja Bc1, Mc Marechal entre outros, são os principais nomes da atual geração do Rap nacional, estes, inspirados nos Racionais Mc’s, Thaíde, Eduardo, MV Bill, Facção, Rzo dentre outros, ressaltam a importância do Rap enquanto uma forma de comunicar com os seus, de uma forma reta, sem papas na língua, uma comunicação que ocorre porque quem comunica sabe onde está quem vai receber a mensagem e sabe como fazer para ser escutado, não só porque conhece, mas sim, porque vive e veio dos mesmos lugares. O Rap nem sempre é feito para ser bonito, ter o melhor *flow* ou a

melhor rima, o intuito é poder expressar o que não é dito ou exposto nas capas de jornais, aquilo que é velado como se não acontecesse ou exposto de forma que corrobora com a estrutura racista que tem a autorização para matar pessoas negras, pobres e periféricas.

*Você me pergunta de onde vem tanta raiva
É do descaso da patroa com o filho da empregada
Tratamento diferenciado e liberado
Aí o preço pago é vinte mil na vida favelada
Os que comemora a morte, esses cara é sinistro
Chora se o bonde abateu o helicóptero
Burguês safado que nunca se misturou
Nasce rico e acha que alguém inveja sua cor (yeah, yeah, yeah)
Nove jovens mortos num baile em Paraisópolis
Pobre não tem nem direito de ser feliz
Tu não é um cara igual meu mano Rogério Soares
Tu nem reconhece mais as próprias cicatriz
Mas nós palmeia tudo daqui
Acende o balão, pé no chão, bem plantado aqui
São tantas covardia que eu nem me surpreendi
Se pra nossas doenças sempre disseram: E daí?
E quando acabar essa canetada
A bala vai comer, alguém aqui vai sorrir, alguém aqui vai chorar
E gritar: Favela Vive
Ou: Eu não consigo respirar*

Assim como exposto no trecho acima, Lord aponta que ele não acordou e decidiu ter raiva, ele não escolheu falar sobre tal tema, é uma série de acontecimentos que se repetem com aval do estado, é no filho negro da empregada⁴, no homem que acredita ser melhor que os outros por ser branco e rico, no massacre do jacarezinho onde a polícia matou 27 jovens por “suspeita de tráfico”⁵, mas sabemos bem o que é, mais um episódio onde a população

⁴ História disponível em:

<https://ponte.org/miguel-menino-negro-e-filho-de-empregada-domestica-morreu-por-negligencia-da-patroa-branca/>

⁵ Matéria disponível

em: <https://www.esquerdadiario.com.br/MASSACRE-DO-JACAREZINHO-laudos-da-pericia-apontam-baleados-pelas-costas-e-a-queima-roupa>

negra e periférica tem seus direitos humanos violados o que acabou resultando em uma chacina. Entretanto, como ele mesmo fala, “São tantas covardias que eu nem me surpreendi”, a gente já acorda sabendo e esperando que algo aconteça.

Considerando este cenário, este trabalho tem como objetivo discutir como o RAP e o Hip Hop se tornam ferramentas de tensionamento político. Afinal, ao compreendermos que o modo como habitamos o mundo e a forma como subjetividades são produzidas estão intrinsicamente ligadas a maneiras de expressão artística, cultural, política, o Rap e o Hip Hop se tornam uma força que diz de como nos tornamos quem somos hoje e como questionamos quem nos tornamos. Assim, este trabalho trará materialidades produzidas pelas vidas que ocupam a cultura Hip Hop, refletindo a partir dos processos de identificação e pertencimento a estes grupos, produções musicais e visuais. Além de produções musicais, culturais e científicas também contaremos com entrevistas e podcasts, um fenômeno que tem aproximado muitos fãs de seus artistas prediletos, uma vez que, essa aproximação faz com que a gente possa sentir por alguns minutos o que seria uma conversa cara a cara com nossas referências em um momento único de reflexão e conhecimento, uma vez que, através da leitura, para algumas pessoas, gravar e citar o que escritores e textos da academia é mais difícil, porém ao escutar entrevistas de pessoas que fazem parte das suas construções e do desenvolvimento crítico, as frases e pensamentos transmitidos nessas conversas se tornam referências, se replicam com maior facilidade e permanecem com quem as escuta.

Sendo assim, o trabalho se fará através dos diálogos entre músicos, compositores, pensadores do Hip Hop, amigos, imagens, entrevistas, conversas ficcionais, narrativas, entre outras sem deixar de lado as narrativas que expressam o que se é cantado nas letras além das histórias e pontos de vista do que os próprios artistas nos falam. A ideia é refletir sobre o que levou e como, cada um para uma aproximação com o Rap. Para tanto, a escrita se dividirá em quatro momentos intitulados 1) A imagem 2) A batida 3) A voz 4) O movimento. Cada sessão leva o nome de algum elemento do Hip Hop, mas aqui eles dizem mais do que o substantivo presente, os quatro juntos em movimento se encontram, andam juntos e se entendem, um complementa o outro.

ELE SEMPRE ACREDITOU EM MIM

“... Agora o Brown mano, vem, conta a minha história, ele conta a minha história através da história dele, sacou? Me inspira a ser um cara, tipo assim, melhor pra minha rapaziada, melhor pra minha família, melhor, sabe? como que eu não viro fã desses cara? não tem como. Só que o mais louco velho, é eu pegar o legado que eles deixaram aí de um modo geral, falando o gaúcho no esporte, tá ligado? e o Brown na música, sacou? e a gente fazer acontecer as paradas e ter a oportunidade de conhecer os caras. Aí a galera me pergunta: Cê ficou surpreso? Não, nunca mano. Eu sempre fiz com o objetivo de chegar e mostrar pra rapaziada que eu sempre fui fã, que eu sempre acreditei e que sempre acreditou em mim, porque eu sinto que o Brown acreditou em mim mesmo quando ele não sabia nem quem eu era, a letra dele fala sobre isso, tá ligado? Sacou? acredite em você, tá ligado? é isso, então é um cara que sempre acreditou em mim e eu posso hoje chegar e mostrar pra ele e falar mano, olha aí, você acreditou em mim, cê acreditou em nós, cê acreditou em toda essa construção que a gente tem feito nos últimos anos, sacou? e hoje eu tô aqui trocando ideia com ocê, sacou? Pensando no papo de futuro, nós liga, fala, troca uma ideia de futuro, fala mano, é isso sacou?”⁶.

⁶ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IN-SJ1zwrMg>

PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO/LOCALIZAÇÃO – A IMAGEM

Em entrevista ao canal Podpah no youtube, um podcast que tem realizado conversas com diversos artistas do funk e do Hip Hop, Gustavo Pereira Marques, mais conhecido e identificado como Djonga, um dos grandes nomes do cenário atual, comenta sobre sua aproximação com Mano Brown, rapper e compositor do grupo Racionais Mc's, um dos grandes expoentes na história do Rap nacional. Djonga relata detalhadamente sobre o dia, o lugar e a primeira conversa que teve com Brown, uma de suas grandes referências, não só no âmbito artístico mas também ideológico impulsionado não só através das letras, mas principalmente pela forma de enxergar a vida e pelas formas de se relacionar com os seus. Durante a entrevista, Djonga conta sobre suas primeiras percepções ao escutar o Racionais Mc's de Brown e relata poder visualizar e identificar a sua própria história através da narrativa de outra pessoa, vendo muita semelhança e a repetição de situações que muitas pessoas negras e de periferia que são marginalizadas diariamente vivenciam, tal como indica o próprio álbum do grupo, *Sobrevivendo no inferno - Periferia é Periferia*.

O Rap, na sua origem, enquanto um local de reprodução do grito de muitos, atende o papel de narrar por meio de letras musicais como é a vida e a opressão nas periferias, as violências e o desrespeito com os cidadãos, denunciar o racismo presente no dia a dia e a falta de perspectiva atribuída a essas populações com intuito de contestar tais condições e representar essas comunidades que não tiveram voz, assim como o próprio Mano Brown comenta em entrevista a Kalili para a revista Caros Amigos.

[...] o pobre não fala, ele cumpre a lei. O pobre não toma, ele pede, se humilha. E o rap não pede nada. O rap vai falando, falando de montão. Então, pros caras, isso aí é tipo uma revolta, uma conspiração dos pobres, dos pretos, dos favelados. Então, aí vem a bronca em cima dos Racionais. Essa comunidade toda aqui, ó, não pode falar nada, eles tem que trabalhar, comer mal, ganhar mal e ficar na moral. Nós somos tipo uns representantes. (Kalili, 1998, p.18).

É através dessa colocação como representante de uma narrativa de determinados grupos musicais do gênero, que jovens e adultos com aproximação à cultura Hip Hop se reconhecem e se aproximam devido a similaridade das vivências, lutas, pelos históricos de exclusão e desigualdades. Levando em consideração o processo histórico cultural de formação do Brasil também podemos entender os motivos pelos quais fazem com que essas

histórias se assemelhem e, pensando desde os primeiros momentos de um país constituído sob o trabalho escravo até ser o último país ocidental a abolir a escravidão sem garantir nem mesmo as condições básicas para assegurar a igualdade de tratamento e oportunidades ao povo negro, faz sentido já que esse nunca esteve dentro dos objetivos do país nem mesmo, nos dias de hoje. Ainda assim, com os processos de urbanização e industrialização na sociedade capitalista, pudemos observar os diversos movimentos de utilização dos espaços das cidades apenas como uma forma de domínio capitalista através do mercado imobiliário, de forma que, aqueles que não possuíam condições eram, e ainda são, “convidados a se retirar” dos centros urbanos fazendo com que essas pessoas passassem a viver em regiões irregulares e com infraestrutura precária.

As lutas e histórias se reafirmam a partir do momento em que o Brasil, país com alto índice de desigualdade social, reproduz e dificulta a possibilidade de acesso a oportunidades para jovens e adultos pretos e de comunidades, fazendo com que as narrativas acabem se inter cruzando independente da localização geográfica e virando uma só em múltiplas regiões. De outro modo, podemos dizer que a história do Djonga reconhecendo sua vida na canção e história de Brown acontece o tempo todo, mas são poucas as que nos chegam e nos passam a ideia de que isso é comum entre nós uma vez que normalmente não somos escutados.

Ao criar um discurso em primeira pessoa, territorialmente localizado, mas cuja amplitude é global, os jovens excluídos das periferias de todo o mundo criam uma narrativa que possibilita a construção de uma identidade que os une a partir de sua realidade e não em uma idealização, como as referências à identidade nacional pretendiam construir. E que ganha universalidade porque a própria exclusão tornou-se parte integrante dessa identidade (Guimarães, 2007, pp. 183- 184)

Segundo Guimarães (2007), o discurso, seguido de pontos como territorialização, semelhanças e realidades, faz com que as histórias se cruzem e, no encontro das semelhanças, ocorra a identificação dessas identidades que se constroem a partir das realidades individuais e também coletivas. É nesse encontro das identidades que podemos pensar esse movimento identificatório a partir das múltiplas identidades com suas semelhanças e através da localização entre os aspectos dos seus bairros, raça, gênero e classe.

O conceito de identidade é utilizado há muito tempo no campo da filosofia e das ciências humanas, entretanto, atualmente tem sido mais explorado nos campos da sociologia e da psicologia através dos estudos e teorias dos movimentos sociais e nos trabalhos relacionados aos processos de engajamento, uma vez que, sua utilização a partir da perspectiva teórica dos conceitos de identidade, ajuda a pensar e, de certa forma, compreender os processos subjetivos que se relacionam com as ações coletivas. No entanto, as produções sobre o tema da identidade atualmente visam trabalhar o caráter múltiplo da identidade enfatizando as dimensões coletivas, pessoal e social da identidade individual, dessa forma, abordando o tema a partir das múltiplas singularidades.

A definição do conceito de identidade diz respeito a uma pluralidade de fenômenos e acontecimentos e cabe a ela atribuir sentido específicos a cada um deles de forma subjetiva. Por ter uma gama de fatores que influenciam como indivíduo, grupo, movimentos, raça, classe, gênero, a delimitação do conceito tem sido trabalhada e elaborada por diversas áreas do conhecimento e disciplinas, resultando em um grande arcabouço teórico que não encerra esse conceito em uma única definição fechada.

Apesar dessa diversidade de desenvolvimentos, pelo menos quatro elementos aparecem como comuns nas diversas perspectivas atuais sobre identidade: 1) a identidade é produzida a partir das relações sociais; 2) essa produção envolve processos cognitivos e afetivos; 3) ela envolve tanto indivíduos quanto coletividades; e, ainda, 4) implica em processos de reconhecimento e diferenciação social. (Naujorks, 2011, pp.29-30)

Segundo Naujorks (2011), a presença de alguns elementos se repetem de forma a criar uma unidade de itens comuns entre os pensadores do tema. O pertencimento a um grupo social e suas relações produz significados e sentimentos associados ao auto-reconhecimento e ao reconhecimento de outras pessoas. Desse modo a produção afetiva e emocional corrobora para uma construção social de identidades tanto individuais quanto coletivas uma vez que ela se encontra em ambas as formas.

Partindo da linha dos estudos culturais, entendemos que o pertencimento e a alteridade se constituem através das relações de poder e que nossas decisões, identificações partem da forma que nos reconhecemos, pensamos e nos imaginamos no mundo, fato que, se dá através do contexto e das relações sociais as quais estamos inseridos (Woodward, 2000).

Em 2012, a autora complementa sua contribuição com o tema indicando que as construções das identidades ocorrem tanto de forma simbólica quanto social, dizendo assim que a identidade é estruturada a partir da construção de símbolos e desempenha um papel, de certo modo, configurador das práticas sociais.

A partir de Axel Honneth, tomamos conhecimento de sua tese sobre o reconhecimento, de modo que, sua proposta se aproxima do significado que utilizamos referente ao termo do reconhecimento, mas também traça novas linhas importantes para pensar o processo de construção das identidades. No sentido cognitivo da coincidência de determinada percepção como uma informação conhecida de algo que já possuímos ou até mesmo no sentido moral de organização de respostas a demandas de outras pessoas, a noção de reconhecimento deduz uma determinada criação subjetiva de identidade (Bueno, 2017, p.310).

Desse modo, a teoria de Honneth traz o conceito de identidade a partir da constituição do próprio sujeito de modo que, através da relação com o outro se torne possível ter uma própria noção de si, de modo gradativo onde a cada passo se enxerga e se descobre uma nova faceta de si mesmo a qual era desconhecida. Para Honneth, a personalidade não diz de determinadas características, mas conta sobre a constituição da própria pessoa enquanto pessoa. E é neste aspecto que nos filiamos com estes autores para pensar o processo de identificação ao Rap, como este espaço de reconhecimento, de potência de vozes uma vez silenciadas, e de se diferenciar enquanto sujeitos no mundo.

Enquanto potência e espaço de novas narrativas e vivências, o Hip Hop se apresenta de forma a possibilitar o crescimento de novos vínculos, vínculos dos quais, são diversas as possibilidades de contato, seja através dos elementos que constituem o Hip Hop, as histórias de cada um, o time de futebol, o Mc predileto. De tal forma, um espaço amplo e diversificado sempre se faz presente e está disposto a dialogar de modo a contemplar a história de cada um constituindo um campo onde a ênfase identitária tem papel fundamental na relação do sujeito com a cultura. E as lutas identitárias se tornam central para o não apagamento de histórias de periferias, de histórias oprimidas, de histórias reiteradamente excluídas.

Dentro da lógica identitária, o social permite um local onde se constrói através da identificação, a produção de potencialidades dos sujeitos, de forma construtiva e facilitar a inserção social de cada indivíduo além de aproximar o sujeito de sua própria identidade mais próxima da realidade a qual está inserido (Lages, 2008). Sendo assim, o Hip Hop opera enquanto uma possibilidade material de aproximação facilitando o acesso de jovens a um momento reflexivo, de conversas diárias através das músicas, grafites, rolês de skate. O Hip

Hop, muitas vezes acaba sendo o primeiro amigo a trocar uma ideia sobre alguns assuntos mais sérios, mostrando alguns caminhos e possibilidades para a vida dos nossos, o Rap vem e já chega quebrando estigmas de que não se fala sobre futebol política e religião, e nessas tu percebe, sem nem mesmo querer, e simplesmente sente que a letra foi feita para ti, a visão que é passada fecha com a tua realidade e diz das lutas e desafios que nos deparamos todos os dias.

O significado de Identitário no senso comum geralmente aponta a um adjetivo relativo à identidade, à reunião de qualidades particulares, das características que definem e caracterizam algo ou alguém, diferenciando essa pessoa dos demais; já para nós, o sentido aponta para um agrupamento, uma força coletiva que une ao mesmo passo em que qualifica as relações, aproxima de uma identificação já existente, gera conforto em identificar outros com as mesmas características que tu, que se entendem na medida certa e principalmente se reconhecem numa esfera de luta, de lazer e de crescimento criativo, seja na dança, no grafite ou na música. Diz de políticas identitárias, de lutas por reconhecimento de determinados coletivos. O Hip Hop possibilita não só a interação interpessoal como também, coloca o jovem em evidência, mostrando a sua arte e suas potencialidades além do protagonismo na produção de eventos e organização. Valorizar a cultura e os movimentos que reúnem jovens, onde eles podem expressar o que querem, da forma que desejam possibilita um espaço potente de tensionamento tanto político quanto social, possibilitando um espaço para criação de futuras novas referências.

CEP SELVAGEM, ESQUINA DA NAZA

Saindo de Niterói RJ, sem saber o caminho e o que encontraria em São Paulo, a única certeza era o desejo de correr atrás do seu sonho de conhecer o Mano Brown.

Em uma postagem rápida, a legenda – “CEP Selvagem. Esquina da NAZA” – Num flash, brotou direto do 021 e roubou a cena, nos diz quanto Brown, uma espécie de semideus representa tudo aquilo que imaginávamos que ele fosse. No encontro com Mila, diretamente do errejota, percebeu o grito preso na garganta que ecoava, a artista da rua denunciava as injustiças e desigualdades que presenciava diariamente. Mila tinha um histórico de batalha, vendendo artesanatos e doces e tentava sobreviver e investir em seu Rap. Teve contato pela primeira vez aos treze anos e, assim como outros milhares de jovens, o primeiro contato e grande referência no cenário foi o Racionais Mc.

“Sempre corri atrás das minhas coisas. No meio disso, comecei a conhecer os artistas de rua e com o tempo eu vi que não adiantava ser educada. O problema estava nas pessoas. Pra mim, o Rap se tornou um escudo que a gente encontra pra se defender” desabafa Mila. foi com esse escudo que ela foi pra rodoviária pedir ajuda em busca de realizar seu sonho e conseguiu uma passagem pra São Paulo, dormiu no Masp e na manhã seguinte partiu em direção ao Capão Redondo.

PROCESSO DE PERTENCIMENTO – A BATIDA

*Precisamos de um líder de crédito popular
Como malcom x em outros tempos foi na américa
Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços
Nossos irmãos estão desnorteados
Entre o prazer e o dinheiro desorientados
Brigando por quase nada
Migalhas coisas banais
Prestigiando a mentira
As falas desinformado demais
Chega de festejar a desvantagem
E permitir que desgastem a nossa imagem
Descendente negro atual meu nome é brown
Não sou complexado e tal
Apenas racional
É a verdade mais pura
Postura definitiva
A juventude negra
Agora tem voz ativa
Racionais Mc's*

Quando alguém se reconhece, se vê representado, é porque outra pessoa entendeu e assumiu o papel central da peça. Brown e o Racionais Mc's se viram enquanto um meio de comunicação e como uma ferramenta que narra a realidade da população preta e periférica. Quando Mila atravessa as fronteiras do seu estado visando um encontro com seu ídolo, é porque ela sabe que as letras não são apenas letras, são muito mais que isso, ela encontra alguém que na música instrumentaliza, dá força e diz que tá junto com ela independente de qualquer coisa, assim como diz o Djonga quando ele comenta que o Brown acreditou nele mesmo sem nem o conhecer.

Brown e Racionais se reconhecem e se colocam como porta-voz da periferia sem mesmo se intitularem – “eu fiz o que era necessário pra época” –, diz Brown em entrevista ao

Le Monde⁷ e alegando que não tinha escolha pois era uma prioridade de todos lutar pela raça e pela quebrada, essa era a bandeira. “*Periferia, pumm, depois nois debate outras ideia, quem é corinthiano quem é palmeirense quem é santista, quem é de touros quem é de áries, mano, morou? depois noi debate, mas o momento é esse, tem um genocídio acontecendo*”

Quando pensamos nos processos de pertencimento e nas formas de identificação entre diferentes identidades, se faz necessário pensar que as identificações ocorrem ao mesmo tempo em que a vida acontece, em meio a um turbilhão de coisas. Dessa forma, expostos a realidade imposta pelo capitalismo, o racismo institucionalizado, a acentuação da desigualdade social, o reconhecimento enquanto pertencente a determinados grupos só é identificado pelos iguais, que passam pelos mesmos e sabem qual a real fita que rola no dia-a-dia. Quem é de fora não sabe, até tenta saber, mas no fim, nada muda.

- *E aí Mano Brown, certo?*

- *Certo não está né mano, e os inocentes quem os trará de volta?*

- *É... a nossa vida continua, e aí quem se importa?*

- *A sociedade sempre fecha as portas mesmo...*

Pânico na Zona Sul, Racionais Mc's

Assim como exposto na letra, quem se importa? A sociedade fecha as portas mesmo. Essa é a visão de dentro, de quem há anos luta e se depara com uma realidade parecida com essa sem ter tempo de pensar em uma ajuda ou em alguma forma de alguém ajudar de fora. O Rap, construído de forma totalmente coletiva, mostra o caminho através do acolhimento, assim como Mila pode ir até Brown e encontrar um peito aberto pra dar o apoio que ela precisava, no cenário atual o que possibilita a chegada de novos passa por aqueles que já traçaram esse caminho e se colocam como uma porta de entrada a tantos outros se utilizando do seu local enquanto artistas para possibilitar que outros também cheguem onde eles chegaram.

Em Entrevista⁸, Flacko, trapper⁹ brasileiro, comenta sobre como foi o seu primeiro contato com MD Chefe, um nome que tem crescido nos últimos tempos, não só pela música mas também pelo jeito de levar a vida e pensar sobre diversos assuntos. Flacko menciona que recebeu mensagem de DomLaike, amigo e sócio de MD, sendo convidado para chegar no

⁷ Entrevista disponível em: Mano Brown, um sobrevivente do inferno, <https://www.youtube.com/watch?v=gMT9cXizDYO&t=152s>

⁸ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FUn0OmVh-fl>

⁹ Músico do Trap, subgênero do Rap surgido no início dos anos 2000 no sul dos Estados Unidos.

estúdio e se conhecer. Flacko comenta que no ramo da música muitos outros tentam contato ou oferecem parceria visando algum benesse financeiro, entretanto, não foi o que ele encontrou. Ao mencionar que não teria condições de auxiliar financeiramente com os custos das gravações e do estúdio, Flacko percebe que esse realmente não era o intuito, uma vez que, para MD e DomLaike, a proposta é poder proporcionar para os nossos as condições que podemos oferecer, e mesmo sem se conhecer há muito tempo, Flacko escutou que “Se nós tem, tu tem, se quiser gravar pode vir a hora que quiser”.

Md e DomLaike sabiam que isso era uma situação que poderia acontecer, provavelmente quando começaram também tiveram essa experiência, e poder acolher outros que estão chegando significa muito, assim como Brown, fizeram uma função acolhedora, disseram que tão junto e bora pra frente, não fizeram para virar destaque em notícia, isso rolou porque tá dentro deles, eles sabem muito bem as dificuldades de quem tá iniciando no Rap dentro da periferia, eles reconhecem o papel que possuem servindo de exemplo e inspiração para tantos outros.

Md Chefe, cria das batalhas do Rio de Janeiro, assim como muitos outros Mc’s, vem trabalhando há muito tempo para conquistar seu espaço no meio do Rap. Identificado com o Trap, em suas letras ele costuma comentar sobre suas vivências, seu estilo de vida, seus projetos e marcas que utiliza, ressaltando sempre a qualidade de vida. Além disso, MD desde quando deu seus primeiros passos no Rap em meio às rodas de freestyle já dava indícios desse estilo que viria utilizar e ser reconhecido. Lá em 2015, ele utilizava alguns bordões que usa hoje em dia também, tais bordões como “Preto Chique”, “Tchutchuco”, mostrando o quanto leva consigo sua origem e sua história além de sempre acreditar em si mesmo sabendo que poderia fazer sucesso. Md, também em entrevista ao Podpah¹⁰, juntamente com DomLaike comentam sobre a importância de fazer dinheiro e investir na favela, fazer uma melhoria numa quadra de futebol, alguma reforma em alguma escola, para que fique algo positivo para a comunidade, que não seja apenas um momento, mas que faça a diferença no dia-a-dia de todos. Eles seguem no debate e reafirmam:

Favela é muito brabo, mano, tudo na favela é maneiro, cada um com 20 conto já fica melhor ainda imagina tu com dinheiro, mano, injetando no bagulho, botando o bagulho pra ficar maneiro, favela, pô, qualé mano..

¹⁰ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gzjm2nd42as>

*Aí tu vai na zona sul, tu compra tua mansão, vagabundo vai passar,
vai olhar pra tu: esse ai deu sorte na música, maconheiro, preto
fudido, na favela pai, vagabundo: caralho, tu é brabo pô,
inspiração. Nós é o espelho dos menor, se nós sai da favela mesmo
de vez mesmo, nós tá quebrando o espelho, em quem vão se refletir?
quem vão se ver e vão se inspirar assim, uma coisa é ver na
televisão e no celular, outra coisa é tu ver no ao vivo, tem que ver
como menor olha pra mim, fica assim como, deslumbrado!*

DomLaike

Md e DomLaike fazem parte de uma nova geração, um estilo e uma proposta diferente de Mc' s mais antigos, mas que levam consigo uma determinada responsabilidade sobre aqueles que vieram do mesmo lugar que eles, com os quais se identificam e buscam fortalecê-los. O pensamento coletivo caminha junto com o pertencimento e os dois se encontram dentro da proposta e vivência do que é a cultura Hip Hop.

O pertencimento traz consigo o senso coletivo; estamos no mesmo lugar, precisamos das mesmas paradas e a gente faz junto pra poder chegar junto. O Hip Hop apresenta ferramentas e principalmente vivências que condizem com as dores de determinados grupos sociais, que se sentem representados e acolhidos. Como não se ver representado por uma produção que nem sempre é científica, mas diz muito mais sobre a realidade da população preta e periférica em comparação aos dados estatísticos do IBGE, ou produções que apontam distorcidamente a realidade e as narrativas da galera, já dizia o Mano Cesar:

*É que a direita me quer na mira da Colt
Enquanto o branco esquerdo-cult controla as minhas narrativas
Revolucionário que nunca pisou no gueto
É literatura branca me ensinando a ser preto*

É preciso que as histórias sejam contadas por quem realmente entende, vive, e veio de determinado local, é necessário que consigamos ser os principais atores nas nossas próprias histórias e que consigamos repassar tudo isso da forma que melhor nos serve. O Rap traz de forma simples, de forma singular, através da linguagem de cada um, o que precisa ser falado, o que cada um quer falar, para os seus, por onde mora, pelo seu grupo, é a ferramenta que amplifica a voz e tira a invisibilidade social atrelada a muitos jovens, é o que alimenta e que faz com que jovens sigam sonhando em mostrar sua arte por aí.

ELE NÃO ME VIU COM O UNIFORME?

“Mãe, a senhora vai me dar o dinheiro pra mim fazer o reflexo no meu cabelo, porque sexta-feira é o jogo do brasil e eu já quero estar de reflexo?”

Eu falei: tá meu filho, não se preocupe não, porque na quinta-feira eu te dou o dinheiro.

Tá, então eu posso esperar?

Pode, você não sabe que sua mãe quando fala dá?

Não, eu sei mãe a senhora é meu fechamento pra tudo, a senhora é minha mãezona a senhora fecha mesmo.

Então, se você que eu fecho você aguarda.

Aí dito e feito, na quinta-feira eu tive o dinheiro, mas eu não tive o meu filho pra eu dar o dinheiro, conclusão: O brasil jogou na sexta eu vi muitos coleguinhas dele fazendo o reflexo e o meu filho não se fez presente pra fazer o reflexo que ele tanto queria.”

Mãe, o blindado me deu um tiro, ele não me viu com roupa de escola?¹¹

¹¹ Trecho narrativo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X8C6onFYvTw>

PORQUE SE FAZ RAP/COMO SE FAZ O RAP – A VOZ

-Qual era o nome dele?

-Geovane. Era o símbolo da Cohab no futebol. Quando olho para o campo vem à lembrança. A gente não tem jogado mais. Ele tinha a minha idade; estava dando fora da estatística que nem eu. Demorou, mas aconteceu... Ai perguntaram: "Era envolvido com o quê?" Como se isso fosse o bastante pro cara morrer. Não era envolvido com nada.

Caros Amigos, Janeiro, 1998

Nesse recorte de entrevista, Brown comenta sobre seu amigo que foi assassinado, ninguém sabe por quê e por quem. Geovane, 27, saiu de casa à noite no Capão, foi abastecer seu carro e nunca mais voltou. Assim como Geovane, temos o exemplo do “mano Rogério” que também foi uma vítima de homicídio que foi denunciado pelos Racionais na letra da música “Fim de Semana no Parque”, música que narra e conta sobre a realidade e o cotidiano dos moradores da periferia da zona sul de São Paulo em um Fim de Semana.

Nomes estrangeiros que estão no nosso meio pra matar m.e.r.d.a.

Como se fosse ontem ainda me lembro

7 horas sábado 4 de dezembro

Uma bala uma moto com 2 imbecis

Mataram nosso mano que fazia o morro mais feliz

E indiretamente ainda faz, mano rogerio esteja em paz

Vigiando lá de cima

Fim de semana no parque, Racionais Mc's

Muito presente nas letras, o genocídio da população negra, jovem e periférica é tema recorrente devido ao alto número de casos que acompanhamos diariamente. Segundo o Atlas da violência de 2020 (IPEA, 2020), o genocídio da população negra teve um aumento de 11,5% nos últimos dez anos seguindo a lógica do estado que impõe de forma bruta e violenta as operações policiais nas comunidade e grandes centros periféricos. O panorama sistêmico de violência perpetuado pelo estado escancara a brutalidade na forma de tratamento entre

policial e cidadão assim como retratado por Djonga, a preocupação em saber que o próximo pode ser um de nós e que pra quem atinge a população diariamente tá tudo bem, até porque, sempre encontram uma justificativa para legitimar o indefensável.

*Parece que nós só apanha
Mas no meu lugar se ponha e suponha que
No século 21, a cada 23 minutos morre um jovem
negro
E você é negro que nem eu, pretinho, ó
Não ficaria preocupado?
Eu sei bem o que 'cê pensou daí
Rezando não 'tava, deve ser desocupado
Mas o menor 'tava voltando do trampo
Disseram que o tiro só foi precipitado.
Djonga*

O trecho acima compõe a *Cypher*¹² Favela Vive, projeto que vai de além do musical, é o Rap em uma de suas melhores formas, dedo na cara e trazendo desconforto para aqueles que apedrejam sem medo as minorias. O projeto está em sua quarta edição e aborda questões como a violência policial em meio às comunidades, os assassinatos oriundos do plano policial que tem permissão para matar, o racismo explícito, o descaso com os serviços públicos nas periferias, a política que só serve para beneficiar os 1% mais ricos, entre outros diversos temas que se a gente parar e colocar todos, vai ser impossível não esquecer de alguns.

*Esquerda de lá, direita de cá
E o povo segue firme tomando no centro
Onde a tristeza do abuso é pra maioria
E o prazer de gozar sobra pra 1%
Djonga*

Dentro da proposta, podemos perceber uma retomada das origens do Rap, nomes que marcaram época como Mv Bill, Edi Rock, Negra Li e Funkeiro se fazem presentes. Mesmo com as diferenças entre épocas, a necessidade de colocar os problemas sociais segue presente

¹² Projeto Colaborativo com diversos artistas.

ou até maior, posto que, na conjuntura atual, a luta pela garantia de direitos básicos à população é um dos maiores desafios que temos. Para além deste ponto, com uma onda conservadora no Brasil de cunho fascista, é necessário que tenhamos mais vozes ainda, e o Rap, assim como já faz a tanto tempo, tem sido um dos principais gêneros musicais lutando contra e visando o combate com esses movimentos de extrema direita, pregando a violência, o ódio e reforçando estereótipos e preconceitos.

No final dos anos 1990 Mv Bill já cantava sobre a realidade da vida na periferia, a interface com o tráfico e a forma para quem tem como origem a periferia já é condenado antes de tudo. Bill retrata a construção social que fortalece o ingresso de jovens ao tráfico devido a falta de acesso à população periférica à educação, segurança, saúde, retrata a violência policial nas favelas e a política que não compreende a periferia nos seus mandatos e criminaliza os moradores.

*Quem deveria dar a proteção
Invade a favela de fuzil na mão
Eu sei que o mundo que eu vivo é errado
Mas quando eu precisei ninguém tava do meu lado
Errado por errado quem nunca errou?
Aquele que pede voto também JÁ matou
Me colocou no lado podre da sociedade
Com muita droga muita arma muita maldade*
MV Bill

Em 2016, quase 20 anos depois, Bill precisa novamente tensionar a pauta que vem trabalhando há anos, os abusos que ocorrem diariamente dos policiais nas favelas tratando todos como se fossem pertencentes ao crime organizado, o genocídio da população negra que que primeiro atiram pra depois saber quem era.

*Vai além da visão, sair de casa e bater de frente com o caveirão
Com um 762 apontado na minha cabeça
O cana me revistando e cheirando minha mão, não
Papo de realidade, vários não chegaram na minha idade
Não dá pra acreditar que vai mudar se trocar o nome de favela pra comunidade
Pouco importa a nomenclatura se falta cultura
Louca vida dura foi pra sepultura
Vendo a escravatura, hoje ninguém atura*

*Tem que ter postura pra poder cobrar da prefeitura
Na gaveta gelada do IML
Vários amigos que foram abatidos pela cor da pele
Tática inimiga, bota a bala pra comer e menos um nigga
Atiram na nuca primeiro, derrubam certo, pra perguntar depois*
MV Bill

Além disso, assim como Bill, outros artistas colocam em suas letras os motivos pelos quais jovens acabam acessando o mundo do crime e quem faz isso. O Rap busca sempre tensionar as problemáticas que atingem a população, lutar pelos direitos e buscar melhores condições de vida. Atualmente, com o resultado das eleições de 2018 no Brasil, a expressão artística se tornou ainda mais necessária em meio a um cenário desanimador onde o discurso de ódio e neofascista direcionado às minorias só cresce disfarçado de conservadorismo. Tal racionalidade fica evidente quando ligamos a televisão e o que nos chega é apenas mais e mais violência, entretanto, elas não ocorrem na televisão e as que lá aparecem não representam nem 1% do que realmente acontece.

*O povo aqui em cima pede socorro
Indignado quando a bala come
Eles têm grana pra guerra no morro
Mas nunca consegue acabar com a fome, não
Eu luto por justiça até o final
Por todos inocentes atingidos
Depois perguntam na cara de pau
Por quê que o menorzin' virou bandido*
Mc Cabelinho

Em 2018, uma das grandes produções artísticas do ano se encontrou em forma de revolta, protesto, alerta e medo. Sendo um dos principais objetivos do Hip Hop, a conscientização política se faz imprescindivelmente necessária para que as pessoas consigam entender os riscos e ameaças de determinados movimentos. O single, “*Primavera Fascista*” reuniu 7 Mc’s Capixabas com o intuito de manifestar e mostrar a verdadeira face do candidato à presidência que veio a ganhar as eleições com um discurso autoritário e intolerante direcionado à população negra, indígena, LGBTQIA+, às mulheres. Dessa forma, o Rap aparece como um instrumento que aproxima os ouvintes de temas que, nem sempre são apresentados ou chegam de uma forma não verídica.

Em relação ao Brasil, uma das soluções mais viáveis seria realmente, entregar o Brasil ao Hip Hop que faz tanto pelos nossos.

Porra, cês são racistas, cês são fascistas
Ou cês tão comendo merda pra votar nessa hiena?
Pau no cu do IBOPE, foda-se a BOPE
Dá o Brasil pro hip hop que nós resolve o problema
Primavera Fascista

PRA QUEM SE FAZ O RAP – CORPOS E MOVIMENTO

Circulando, de boca em boca, em música, videoclipe, slams¹³, batalhas, grafites, nas picapes, no breaking, shows, o Rap e o Hip Hop constituem uma rede que se inter relacionam entre ritmos, movimentos e arte. Com intuito de ser um ferramenta a quem costumeiramente não tem voz, potencializando, ouvindo e sendo espelho a outros jovens e adultos que se relacionam com o Hip Hop, a cultura abrange, acolhe e acompanha o desenvolvimento dos jovens e do tempo.

O Rap tem papel fundamental em meio às mudanças sociais que ocorrem, pois servem como um amparo aos grupos atingidos por essas diferenças, fazendo com que tu te identifiques e te sintas representado pelo que aquela letra está dizendo. Na maioria dos casos, o Rap é feito por jovens marginalizados e que a eles não foi direcionado investimento e credibilidade alguma no tangente ao fator artístico musical, não é dada essa oportunidade ao jovem periférico, ele é ignorado e desacreditado. Quando surge alguma criança cantando sertanejo com roupa de cowboy é lindo e faz sucesso, mas porque não rola o mesmo com o Rap, muita coisa precisa andar pra frente e sabemos muito bem os preconceitos e estereótipos que são atrelados ao jovem oriundo da periferia e também a aqueles que estão inseridos na cultura Hip Hop.

Além disso, é importante nos atentarmos a quem a linguagem do Rap busca atingir e quem ela realmente atende, posto que, a linguagem vai além da norma culta, como pede a academia, e seu papel encontra-se na transmissão da mensagem, assim como o Rap. Entendo o Rap como fonte de conhecimento, histórias e vivências, e é através da linguagem que isso se transmite visando alcançar ao máximo pessoas que se sensibilizam e se reconhecem nessas histórias. O fator linguístico e local influi para que crianças se identifiquem com o que é cantado, nem sempre pelas letras, mas também por escutar vizinhos e familiares cantando, desde cedo sabem o que é e como funciona.

Para muitos jovens adultos a música opera enquanto um norteador frente aos desafios e caminhos a seguir, mostra as possibilidades e diz o quanto eles são possíveis de realizar seus próprios sonhos mesmo quando até o direito de sonhar é tirado, haja visto o alto índice de jovens que não chegam a idade para poder tomarem suas próprias decisões para o futuro. Na construção do pensamento crítico, o jovem já identificado com o Rap percebe e começa a entender como as coisas são, como o sistema funciona e pra quem ele funciona e aí

¹³ Batalha de poesia onde os poetas recitam suas obras.

localizamos um dos momentos em que o Rap chega junto e te abraça, não deixa que tu se sintas sozinho, ele fica contigo e os Mc's que tu nunca viu pessoalmente te prometem fazer tudo por ti.

*Quem não tava junto agora fala que eu mudei
Tempo tá nublado, só que pra nós clareou
Menor, se depender de mim tu vai chegar onde eu cheguei
Não é talento, mano, é disposição
Sabe que nós não falha na missão
Olha minha cara estampada na capa
Traficante sim, só que de informação
Inabalável L7nnon*

Esse é um dos intuitos do Rap, é muito mais que um gênero musical, a prioridade está em construir coletivamente estratégias e meios para que o movimento possa fortalecer cada um tanto individualmente quanto coletivamente, onde cada um estiver, da forma que estiver. Ele não se restringe, ele amplia horizontes e narrativas que em outros momentos não receberam seu devido valor, a vitória no Rap é coletiva, construída em comunidade para que os próximos que ali chegam também possam usufruir.

A união dos vários elementos e situações que permeiam a cultura do Hip Hop se colocam em movimento para que o Rap e o Hip Hop possam acontecer, é nesse movimento e nos meandros que surgem os novos vínculos, as novas histórias e aproximações, é na ação feito por tal Mc no dia das crianças que um jovem conhece o outro e ficam amigos, é na batalha de rima que trocam uma ideia e resolvem praticar *freestyle* juntos, é no slam que rola a formação de um novo grupo. A execução dos eventos que promovem e possibilitam um espaço criativo onde o jovem tenha seu protagonismo e possa mostrar sua arte se fazem essenciais para que eles almejam, sonhem e visem estar ali e quem promove isso aos jovens não faz parte do senado ou da câmara, é o Mc, é o líder na comunidade, é o centro cultural criado pelos moradores. O Rap é isso, ele é o que sustenta sonhos e bota fé nas crianças e nas comunidades.

*Eu sei que o rap faz muito mais que sua religião, que
o presídio, o cacete em vão!
Vejo uma criança dançando break é lindo!
Vejo as mães alegres com seus filhos!
As autoridades vão ficar de bobeira na pista!*

*Não consegue perceber, que aqui é nós na fita!
É muito mais que um cumprimento é uma consideração!
você quer tirar sarro da auto-estima dos irmão, mas eu
não vou deixar!
Eu vim pra incomodar, vim pra cutucar, pra confundir, vou
me expressar!*

Pensar o Hip Hop e o Rap enquanto um tensionador político fala sobre possibilidades outras fora do hegemônico, retrata a realidade de vida de muitos que encontram nas produções musicais um horizonte de entendimento político, ideológico e social condizentes com a sua realidade. O Rap se coloca em oposição aos direcionamentos midiáticos que abafam as violências diárias que não vendem manchete e sujam o nome das instituições que deveriam nos defender e só apedrejam. Ele se dá de forma natural, a gente não escolhe, ele vem na gente, nos sensibiliza e vira um movimento dentro de nós, transforma nosso jeito de pensar e nos posiciona frente a diversas situações que nos prejudicam e prejudicam os nossos.

Lembranças

Lembro de quando chegava e os meninos vinham correndo em minha direção perguntar o que teríamos na aula do dia e me convidando pra jogar bola com eles. Era o que eles mais gostavam, as aulas de Hip Hop eram as mais esperadas na semana, eram as aulas em que eles mais participavam, conheciam a maioria das músicas e tinham vontade e interesse em participar.

No projeto que ocorria no turno contrário às aulas, as oficinas eram essenciais para que os alunos da escola pudessem ter contato com a cultura, esporte e até mesmo, aulas de reforço escolar. A escola que se localizava em um bairro periférico convivía diretamente com as diversas facetas do crime não só do lado de fora, mas também dentro dos muros escolares.

Ver muitos deles se empenhando nas aulas, curiosos para aprender mais passos, saltos e giros era incrível. Ter a ajuda dos pequenos para montar a coreografia de fim de ano pensando o que cada um poderia fazer a partir de suas habilidades e desejos era o que abastecia a vontade de seguir dando aulas. Perguntas sobre o que eu fazia pra mantê-los “comportados” nas aulas eram as mais ouvidas. Eu não fazia nada. Não era difícil entender, era o momento que eles podiam se soltar, pular, rolar no chão, a arte e o Hip Hop traziam a liberdade de serem o que eles queriam e do jeito deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: NÃO FAÇA DO RAP UMA BOSSA NOVA, SE NÃO COMO É QUE EU VOU FALAR BOSTA

Na primeira vez que escutei essa frase na música “*Nunca Taque Pedras na Caixa de Abelhas*” já fiquei me questionando o porquê e qual a relação entre não fazer do Rap uma Bossa Nova e falar bosta, posto que, normalmente a gente escuta falar da Bossa Nova enquanto um movimento cultural onde as pessoas colocam o movimento musical como um dos auges da cultura brasileira e o RAP é por muitos desvalorizado, marginalizado, composto por estereótipos e preconceitos. O Rap, desde sua origem desempenha um papel extremamente importante na vida de jovens e adultos advindos das zonas periféricas e excluídas socialmente, buscando os incluir e disponibilizar um espaço para que eles consigam ser eles mesmos.

A produção musical, atrelada a origem individual, os locais pelos quais o indivíduo percorreu sua jornada dizem de um espaço onde determinados indivíduos estão, a construção do movimento é permeada por todos esses fatores. De outro modo, o Rap representa um grupo, sendo a voz de muitos e esse é o seu intuito, lutar, defender e ser um espaço de potencialidades e lazer. Além disso, diferente de outros gêneros musicais e estilos, o Rap foge do hegemônico, seu alvo não é o comércio, é atingir quem está precisando ser atingido.

De tal forma, o Hip Hop nos traz elementos que possibilitam diversas possibilidades para que os jovens consigam se encontrar e se ocuparem coletivamente seja na música, no grafite, no breakdance, seja onde for, assim como em “*Lembranças*”, explorando suas potencialidades a cultura Hip Hop busca auxiliá-los nos encontros dos mesmos com as letras, os ritmos, os movimentos. É nesse encontro que se faz essencial o estudo do tema proposto neste trabalho, falar de socialização, desenvolvimento e tensionamentos reflexivos diante do descaso social que assola diariamente essas populações, é falar de psicologia.

REFERÊNCIAS

Aurélio, M. (2000). *Atitude, arte, cultura e autoconhecimento: o Rap como voz da periferia*. Dissertação de Mestrado. PPG Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Gomes (2014). *Marco Zero do Hip Hop - Documentário* [Vídeo]. YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=g4f5Hwz6Voc>

Fávero, L. (1999). *Hip Hop é Arte, é Protesto, é Ação*. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm09089915.htm>

Kalili, S. (1998). *Uma conversa com Mano Brown*. Caros Amigos Especial n.3: Movimento Hip Hop, São Paulo, p.16-9,

Guimarães, M. (2007) *A Globalização e As Novas Identidades: O Exemplo do Rap*. São Paulo, p. 183-184. Disponível em
file:///C:/Users/robar/Downloads/artigo9-maria-eduarda-guimaraes-v1-07%20(1).pdf

Naujorks, C, J. (2011) *Processo Identitário e Engajamento: um Estudo a partir do Movimento de Saúde do Trabalhador*. Tese de Doutorado. PPG em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Woodward, K. (2000) *Identidade e Diferença: uma introdução teórica conceitual*. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4284077/mod_resource/content/1/cap%C3%ADulo%20I%20-%20Woodward%20-%20IDENTIDADE-E-DIFERENCA-UMA-INTRODUCAO-TEORICA-E-CONCEITUAL.pdf

Bueno, A. (2017) *Políticas da identidade e da desidentificação*. Ideias, Campinas, SP, v. 8, n. 1, p. 309–320, Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649785>.

Lages, R. Neves, R. (2007). *Paradigma Preventivo e Lógica Identitária nas Abordagens Sobre o Hip Hop*. Porto Alegre. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/fractal/a/Fq9BRP3pkSGOWTP3gGshqCR/?format=pdf&lang=pt>

IPEA. (2020). *Atlas da violência 2020 v.2.7*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ministério da Economia, Brasília/DF. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>